

A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NA CONSTRUÇÃO DE UM INDIVÍDUO CRÍTICO: ANALISANDO AS RELAÇÕES INTERACIONAIS EM SALA DE AULA A PARTIR DE UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Alice Vasconcelos Silva

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Fernando Gonçalves de Souza Neto

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Gabriel Oliveira Monteiro

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Denise Aparecida Brito Barreto

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Resumo: Segundo Meirieu (1998), aprender significa redescobrir e reconstruir o conhecimento adquirido. O conhecimento, para ser, de fato, conhecimento, deve ser fruto da necessidade do aprendiz e, nesse processo, nos indagamos: de que maneira o professor pode auxiliar os seus alunos? Para que o(a) docente ensine com eficácia, é importante que veja os seus alunos dentro das necessidades deles e do meio em que vivem. As técnicas oratórias ensinam-nos que, se não houver sintonia entre o emissor e o receptor, a mensagem não será absorvida. Conscientes de que o aprendizado se faz por meio da interação entre a prática pedagógica e o estudo bibliográfico dos conteúdos, neste trabalho, observações e detalhes a respeito da aula foram registrados para que, posteriormente, essas anotações se tornassem um relato de experiência pormenorizado e descritivo. Na perspectiva pedagógica do ensino, objetivamos discutir, fundamentar e problematizar, embasados teoricamente em Meirieu (1998), Santos e Santos (2017), Barbosa e Canali (2011), Bakhtin (1999), Goergen (2008), Holanda (1997), Oliveira (2010), algumas questões relativas à metodologias, desde a perspectiva do ensino em sala de aula até políticas educativas. Como procedimentos metodológicos, propomo-nos a minuciar informações presentes no relato de experiência, a fim de trazer à luz elementos relevantes para a discussão pedagógica e explorar novos caminhos para ampliar a discussão acerca da importância do trabalho/saber docente. Como resultados parciais, reconhecemos a importância da análise pormenorizada da aula, uma vez que ela possibilita-nos enxergar a sala de aula como um ambiente de constantes deliberações de ideias.

Palavras-chave: Construção pedagógica; Relato de experiência; Aprendizado.

1. Introdução

Este trabalho apresenta uma narrativa de reconstrução crítica e autocrítica, partindo da experiência vivida por três alunos de graduação do curso de Letras Modernas a respeito da discussão do ensino de Língua Portuguesa e suas expectativas diante da relação com o saber na sala de aula; busca discutir as contribuições dessa modalidade de narrar e descrever como

modo de investigar a própria prática pedagógica, e explorar novos caminhos para ampliar a discussão acerca da importância do trabalho/saber docente em relação à elaboração do seu conhecimento com a Linguística.

Parte deste trabalho originou-se em um estudo realizado na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB - Campus Vitória da Conquista, referente à disciplina “Metodologia do Ensino Fundamental de Língua Portuguesa”, cursada pelos graduandos, junto ao Departamento de Estudos Linguísticos e Literários - DELL, que teve o objetivo de discutir, fundamentar e problematizar algumas questões a respeito de metodologias de ensino em sala de aula e da formação docente. As reflexões ocorridas na disciplina foram instigadas a partir da perspectiva de sala de aula até a perspectiva das políticas educativas, num diálogo questionador.

É válido informar que esse artigo foi elaborado a partir de uma pesquisa qualitativa e etnográfica, ou seja, buscamos levantar dados sobre as motivações do grupo observado, além de compreender e interpretar determinados comportamentos, opiniões e posicionamentos dos indivíduos em questão. Ressaltamos também o cunho observacional da pesquisa, na qual não nos propusemos a intervir no ambiente examinado.

2. Metodologia

Buscando analisar meticulosamente as facetas do aprendizado em sala de aula, alguns procedimentos metodológicos foram eleitos. Primeiramente, definimos o dia em que observaríamos a aula da disciplina de Metodologia do Ensino Fundamental de Língua Portuguesa. Feito isso, no dia marcado, assistimos atentamente à aula e, com o auxílio de canetas, blocos de papel e gravadores, registramos tudo o que nos chamou a atenção. Na segunda etapa, nos reunimos e, juntando nossos registros, engendramos um relato de memória, bastante descritivo e detalhado. Posteriormente, refletimos sobre o trabalho feito e decidimos, então, transformá-lo em um relato de experiência que nos possibilitasse fomentar a pesquisa em questão. Para isso, substituímos os nomes reais dos sujeitos por nomes fictícios, prezando pela proteção de suas identidades. Ao longo de todo o registro, um total de doze pessoas são mencionadas, sendo que alguns nomes aparecem mais vezes que outros. Ademais, voltamos às anotações para minuciar outras informações que seriam relevantes para o trabalho.

3. Resultados e Discussões

A análise pormenorizada da aula, que foi constituída no relato de experiência, possibilitou-nos enxergar a sala de aula como um ambiente de constantes deliberações de ideias. O modo como os discentes contestavam certos assuntos e defendiam os seus pontos de vista perante a receptibilidade do docente demonstra uma noção de pluralidade nesse universo escolar. De acordo com as educadoras Paula e Sandra Santos (2007), a relação professor-aluno deve ser construída em diálogo com as necessidades dos alunos, o que implica em descobrir o pensar dos aprendizes, seus interesses e suas motivações, para inseri-los no planejamento pedagógico de forma que propicie uma participação ativa. Dessa forma, vejamos como ocorre a relação docente-discente, enquanto seres presentes em um espaço que incentiva o pensamento crítico, na contingência deste relato.

Relato de Experiência de Alunos do Curso de Licenciatura em Letras Modernas em uma Aula de Metodologia do Ensino Médio de Língua Portuguesa na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Ao sétimo dia do mês de dezembro, às treze horas, na sala 12 do módulo I da UESB, realizou-se a sétima aula de Metodologia do Ensino Fundamental de Língua Portuguesa ministrada no IV semestre do curso de Letras Modernas da referida instituição.

Ao adentrar a sala de aula, a docente Úrsula informa aos presentes que esperaria alguns minutos para o início das atividades. Segundo ela, seria mais interessante aguardar até que mais pessoas chegassem. Então, aproveitando desse hiato na aula, o discente Bruce se dirige à professora levantando questões relacionadas ao curso de Modernas. Nesse momento, a docente demonstra interesse em seu discurso e reconhece a legitimidade do descontentamento do discente, a saber, o estado delicado da grade curricular do curso.

Ao se apresentar como um possível porta-voz dos estudantes dos cursos de Letras Modernas e Vernáculas, Bruce informa a docente sobre um plano para desenvolver um referendo entre os estudantes. De acordo com ele, a partir do momento em que houvesse uma pesquisa de opinião pública/discente sobre a grade de Modernas, o Colegiado de Letras poderia ser pressionado a reavaliar a estrutura do curso com base em dados concretos.

*Após a explanação do discente, a professora afirma ser a favor de olhar o projeto estudantil e indica ser necessário abrir uma mesa para discussão do “projeto de Inglês”. Para ela, o ideal seria convocar uma reunião entre a área de Língua Inglesa, a direção do curso e os representantes das turmas para que, *ipsis litteris*¹, a “angústia” dos estudantes e os problemas do curso fossem apontados. Úrsula, ainda, afirma que os estudantes possuem*

¹ *Ipsis litteris*: “com as mesmas letras”, é uma das muitas expressões usadas na linguagem culta para indicar que alguma coisa está sendo transcrita literalmente, com toda a exatidão.

a maturidade necessária para levantar a bandeira da mudança no curso e que o discurso estudantil está muito forte e muito coerente. “A hora é agora”, diz ela.

Seguindo o assunto referente à reavaliação do curso de Modernas, a docente incrementa o seu discurso, dizendo que o melhor seria uma reunião com um representante de cada área do curso de Letras, a coordenação do colegiado e a direção do departamento para gerar uma discussão mais ampla acerca do que pode ser feito com o curso de Letras Modernas.

Além de indicar como realizar a chamada do processo deliberativo, Úrsula expõe sua opinião sobre o que poderia ser mudado. Em sua concepção, um dos caminhos para o alívio da carga horária lotada seria por meio da transmutação de algumas disciplinas obrigatórias para optativas. Ademais, para ela, seria melhor que as disciplinas optativas fossem distribuídas para todo o período de duração curso, pois não faz sentido algum mantê-las no penúltimo semestre.

Durante o discurso incentivador da professora, o discente a interrompe para destacar que a insatisfação estudantil não se deve só ao curso de Modernas. Segundo ele, alguns alunos do curso de Letras Vernáculas o procuraram, apresentando reclamações sobre as disciplinas de literatura. Bruce relatou que a reclamação mais recorrente era a de que as matérias da área de literatura trabalham com a teoria literária de forma fastidiosa, não instigando nenhum prazer/interesse ou aplicabilidade pedagógica nos estudantes.

Nessa passagem, torna-se nítido um dos motivos para a insatisfação dos discentes de Letras com o curso. De acordo com o que eles reclamam, a razão das disciplinas de literatura serem meramente voltadas para o aprofundamento teórico tende a desestimulá-los. O que se observa é a falta do viés pedagógico dessa área, ficando meramente no campo dos estudos acadêmicos e se distanciando do objetivo que uma licenciatura deveria ter, formar professores. Com isso, Oliveira (2010) aqui aponta para esse problema de formação, defendendo a necessidade de equilibrar o teórico-prático:

[...] muitas vezes, os professores de graduação nos cursos de letras, figuras determinantes na formação dos professores de português, tendem a abordar diversas teorias sem estabelecer nenhuma ponte com a prática pedagógica. Em cursos de bacharelado, isso é esperado. Contudo, os cursos de licenciatura em letras visam à formação de professores; logo, nesses cursos, abordar uma teoria sem fazer conexão entre ela e a prática docente é condenável [...]. Entretanto, mesmo não se interessando muito pela teoria, o professor precisa se conscientizar da necessidade de dominar determinados conhecimentos teóricos para poder tomar decisões fundamentadas no que diz respeito ao planejamento das aulas, à escolha das atividades a serem realizadas em sala, ao gerenciamento das aulas e ao processo de avaliação. (OLIVEIRA, 2010, p. 23)

Depois da interrupção do aluno, a docente retoma a sua fala, lembrando as dificuldades da época em que ela foi discente na UESB e afirmando que atualmente os estudantes têm mais espaço para suas pautas. Pondo um fim a esse assunto, Úrsula promete

a Bruce que disponibilizará o seu apoio e encoraja a movimentação estudantil na missão de conclamar uma reunião e apresentar os seus argumentos.

Após a discussão inicial sobre a grade curricular do curso com Bruce, a professora pede para que Alex e Marty leiam o memorial engendrado pela dupla com base na aula do dia 03/12/2018. Após se acomodarem, é solicitado aos discentes que comentem sobre a experiência de elaborar um memorial; o processo de escuta e de retextualização da aula no papel.

Alex inicia seu discurso com um “Boa Tarde, primeiramente” e fala um pouco sobre a dificuldade esperada por trás da elaboração de um memorial. Em seu discurso, ele aborda sobre como certas coisas que os falantes enunciam no dia a dia passam despercebidas, e como nós cometemos inúmeros deslizos em relação à norma padrão quando fazemos uso da modalidade oral da língua na oralidade. Além disso, são enumerados alguns pontos que devem ser considerados na hora de escrever um memorial como este, tais como: escolher um ambiente silencioso, ouvir a gravação, voltar o áudio diversas vezes e pensar em como escrever aquilo que se está ouvindo. Após as inferências pessoais feitas por Alex e Marty, a docente apenas complementa com um adendo, lembrando a importância das discussões em sala de aula para a realização do memorial.

Inicia-se a leitura do memorial. De forma bem detalhada, os meninos apresentam descrições precisas de horário e falas específicas da professora Úrsula, além de detalhes minuciosos sobre momentos pontuais dentro da sala. Os alunos escutam, atenciosamente, a leitura, lembrando diversos momentos cômicos ocorridos. Como o memorial foi engendrado em uma aula de correção de atividade, todas as discussões sobre suas questões foram descritas, e como a própria professora diz em um momento, ela serve como uma ótima gramática para toda a classe.

Durante a leitura do memorial, alguns alunos riram ao ouvir seus nomes citados diretamente por Alex e Marty. Em certo período, Gerald, agoniado como sempre, levanta-se e abre as janelas por conta do tempo abafado.

Quando percebe-se que o memorial detalhou reações e esboços que foram produzidos no decorrer da correção, a docente, de forma cômica, interrompe a dupla e diz “Olha o registro; vai acabar comigo”. No prosseguir da leitura, momentos mais marcantes são motivos de risos na sala, como a discussão calorosa entre Gerald e Úrsula que quase custou a vida do discente ao polemizar as diferenças entre amo-lhe e amo-a.

Durante a leitura, alguns alunos cochicham dentro da sala. Ralph adentra o recinto de forma silenciosa, acomodando-se em um lugar próximo aos colegas. Mais uma vez, a professora faz uma interrupção na leitura dos rapazes, para que possa lembrar a diferença entre “vendem” e “precisam” e o uso correto acompanhado da partícula “se”. Após a interrupção, continua-se a leitura do memorial.

Passados alguns minutos, a docente fica impressionada com a abrangência de vocabulário mostrada pela dupla na escrita do registro e exclama: “Olha que bom jogo de palavras!”. Após um leve sorriso, Alex prossegue com a leitura do memorial.

Sons de notificações em celulares, gorjeios de passarinhos, movimento de folhas e canetas sendo mexidas nos estojos são escutados. Via-se uma maior descrição em alguns momentos devido a maior necessidade de intervenção dos discentes ou da docente junto à correção, mas, também, momentos de maior quietude devido às concordâncias de opiniões nas correções.

Ao lembrar a discussão e o sentido de namorar, que foi abordado por Dori, altas risadas são produzidas em sala. Foi relativamente engraçado lembrar o momento na medida em que essa parte do registro foi lida. Úrsula, de forma cômica, fala que existem

crises de geração no uso dos termos “namorar” e “flertar”. A leitura do memorial prossegue.

No momento em que Marty relembra a correção da questão “a artista deu à luz a quintuplos”, e que Dori faz suas pesquisas e observações a respeito do termo “parir”, Úrsula direciona-se a Dori para perguntar se a discente sabe a conjugação em primeira pessoa do modo indicativo do verbo “parir”. A discente demonstra não saber a forma correta e a professora prontamente responde: “Eu paio hoje à tarde”. Moana, incrédula e duvidosa, ratifica a informação e Marty relembra a relação que a conjugação do verbo “parir” faz com o verbo “pairar”, podendo causar confusão para aqueles que não possuem um conhecimento amplo acerca da conjugação desse verbete. Fecha-se o “parêntese” e a leitura continua.

No conclusão do memorial, diante das últimas observações enumeradas pelos discentes Alex e Marty, a docente comenta sobre o uso “a gente”, frisando que o sintagma é possível segundo o que o linguista Marcos Bagno prega. Segundo o autor, na forma “a gente”, a pessoa que fala está incluída no discurso enunciado. Já para a colocação “a multidão foram” seria agramatical, pois o falante não está incluído. Após a observação, a professora afirma que essa questão se trata de uma suposição do linguista e que vai de encontro ao que é postulado na Gramática Normativa.

Após as palmas pela boa elaboração do memorial, a docente fala sobre o caráter científico ao qual o memorial se encontra, pois ele exige tempo e esforço, comuns a um trabalho do ramo. Ela ressalta que, por ter sido o primeiro, e por ter se tratado de um memorial baseado em uma aula de correção de atividades, os discentes Alex e Marty tiveram um trabalho relativamente mais fácil. Relembrando as palavras proferidas por Marty, ao tratar da experiência de desenvolver um memorial, Úrsula frisa a importância das intervenções e discussões em sala de aula para contribuir nesse processo. A docente tece elogios ao memorial realizado que além de ter sido bem escrito, teve um belo aproveitamento dos detalhes registrados em sala de aula.

A partir desse recorte, fica claro a importância que a docente emprega na relação com os discentes ao incentivar a constante participação na aula. A professora deixa claro que tudo aquilo que foi dito e debatido em sala propiciou o enriquecimento da atividade do memorial, além dos benefícios que a permuta de ideias ocasiona em aula. Segundo Barbosa e Canalli (2011), “A relação estabelecida entre professores e alunos constitui o ápice do processo pedagógico. [...] uma “via de mão dupla”, tanto professor como aluno pode ensinar e aprender através de suas experiências.”.

Com isso, temos a certeza que uma relação umbilical de permuta de conhecimentos (letramento do aluno) e de opiniões entre professor e aluno possibilita a constituição de um ambiente mais dinâmico na educação e a formação de indivíduos com pensamento crítico e participativo no meio social em que se encontram. Dessa maneira, Goergen defende o ensino como o caminho para a criação de um indivíduo “pensante” em sociedade:

“Com relação ao ensino é preciso objetivamente admitir que a educação superior tem como tarefa fazer a intermediação entre o indivíduo

e a sociedade, preparando-o, em termos de conhecimentos, habilidades e capacidade de aprendizagem permanente, para atender às demandas do mercado de trabalho. Por mais justificadas que sejam as críticas com relação a essa incumbência, dificilmente as instituições de ensino superior poderão declinar dela. De outra parte, tal encargo não pode desconsiderar as dimensões ético-políticas do ser humano. Partindo do princípio de que a construção de uma sociedade mais justa e democrática depende de cidadãos não só profissionalmente competentes, mas também de cidadãos que tenham apurado sentido ético e responsabilidade social, a universidade deve formar sujeitos críticos, autônomos e socialmente responsáveis. O equilíbrio entre essas duas dimensões da formação - a competência técnica e a consciência ética - representa o critério definidor de um ensino socialmente relevante.” (GOERGEN, 2008, p. 813)

Segundo Alex, o memorial levou 8 horas mínimas para ser preparado, e a docente salienta que a leitura é fundamental para o processo de uma boa escrita. Sendo assim, percebe-se que a paciência, a dedicação e o empenho são características essenciais tanto para um escritor e quanto para um professor. Essas características vão de encontro à metodologia de alguns professores que chegam com um tema qualquer na aula e pedem para os alunos, que muitas vezes detém pouco ou nenhum conhecimento sobre o assunto, escreverem sobre ele. Logo, o ideal é partir de uma discussão em sala de aula para que o aluno desenvolva ideias para escrever sobre o assunto.

A observação da professora Úrsula demonstra a relevância do planejamento pedagógico por parte do professor, pois esse caráter “improvisado” de certas aulas, como foi abordado pela docente, compromete a aprendizagem dos alunos e desperdiça o tempo em sala de aula que poderia ser muito melhor aproveitado. Dentre muitos autores que discutem e debatem sobre a importância do planejamento/plano/projeto pedagógico, Holanda define essa prática como uma preparação para o futuro:

Podemos definir o planejamento como a aplicação sistemática do conhecimento humano para prever e avaliar cursos de ação alternativos, com vista a tomada de decisões adequadas e racionais, que sirvam de base para a ação futura. Planejar é decidir antecipadamente o que deve ser feito, ou seja, um plano é uma linha de ação pré -estabelecida. (Holanda, 1966 p. 19)

Vale ressaltar que os docentes devem planejar cada aula a ser ministrada, mas, por se tratar de um gênero discursivo, o planejamento é inexato, passível de alterações a todo instante. Além disso, o planejamento se constitui um esboço, que deve acontecer em todos os níveis de ensino, devendo ser encarado apenas como um guia que pode ser modificado a depender das circunstâncias.

Úrsula avisa que as próximas duplas devem continuar o trabalho sempre em um nível de dificuldade e de esforço maior. Esse comentário provoca reações de desânimo nos alunos que lembram alguns outros trabalhos acadêmicos realizados no decorrer do curso que lhes foram bastantes desafiadores. A docente aproveita-se da discussão para salientar a importância de um aluno saber como se comportar, se vestir adequadamente em uma apresentação, além de saber a forma correta de elaborar slides. Ademais, a professora recomenda que os discentes assistam a bancas de defesa de dissertações de mestrado, pois é possível observar discentes que já têm uma maior experiência em apresentações e já estão mais preparados para tais situações.

Encerrando as discussões em torno dos trabalhos, Úrsula questiona os alunos sobre a leitura dos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental de Língua Portuguesa) que foi solicitada na última aula. Algumas vozes fracas, mais parecidas com gemidos respondem: “mais ou menos; em partes”. A professora pede que os alunos comentem sobre o que eles pensam e entendem sobre os PCN. Além disso, ela nos instiga a refletir sobre diversas questões que envolvem o documento, tais como: De que forma, para que e por que os parâmetros surgiram? A quem eles atendem? Qual é a sua proposta? Essa proposta é pertinente? O que aconteceu no período de tempo entre a inserção dos parâmetros até hoje?

A docente salienta que não quer respostas exatas, mas sim que nós reflitamos tais questões a partir da leitura feita em casa. Entretanto, após tantas questões levantadas, ela auxilia a turma rememorando o primeiro dos questionamentos que fez, a saber, o que são os parâmetros curriculares nacionais.

Toda a classe ri com a pilhéria da professora ao responder sua própria questão anterior: “são parâmetros curriculares nacionais”. Em seguida, ela volta a pergunta à turma, e é prontamente respondida por Marty que diz se tratar de um padrão de ensino que os professores devem seguir. Úrsula pede, então, que alguém amplie, concorde ou discorde da resposta do discente e, imediatamente, é respondida por Ralph. O discente concorda com o colega e acrescenta que também está presente no documento uma crítica feita à leitura e à gramática ensinadas nas décadas de 1960 e 1970, pois o ensino dessas duas áreas nas escolas não criavam uma identidade nacional nos estudantes. Ralph, que sempre traz boas contribuições à classe, acrescenta que a criação dessa identidade é um dos objetivos dos PCN, e ela também é necessária para estimular nos alunos a aceitação frente ao preconceito e à diversidade.

A docente responde à fala de Ralph com: “Legal, quero mais!” e novamente é respondida de forma instantânea por Elsa. A turma estava mesmo afiada nesta aula. A aluna relembra a disciplina Política Educacional que aborda algumas questões históricas referente ao processo educacional brasileiro. Elsa, com sua admirável boa memória, explica que após décadas de instabilidade política, alguns países estrangeiros pressionaram fortemente o Brasil para que houvesse orientação na educação básica do país a fim de auxiliar os profissionais que atuam na docência. A partir disso, continua a discente, a educação passou a ganhar mais atenção nas discussões, bem como o cuidado com as necessidades das escolas e o que deveria ser ensinado em cada série da educação básica.

Em detrimento da pequena confusão de Elsa com a nomenclatura de séries e anos escolares, Úrsula acrescenta que é normal nos confundirmos, pois houveram muitas mudanças no decorrer das décadas. É possível perceber a agitação da classe ao tratar sobre esse assunto. Após alguns esclarecimentos da professora acerca do tópico anterior, ela “fecha o parêntesis” e retoma a discussão principal da aula, pedindo que outro aluno transmita suas ideias. Seguindo a eficiência dos colegas anteriores, Alex prontamente expõe

seus pensamentos a respeito dos objetivos dos PCN. Para ele, o objetivo geral do documento, não só da área de Língua Portuguesa, é formar o cidadão, a fim de que ele possa interpretar, discursar e ser um indivíduo crítico. Interessantemente, o discente aborda uma crítica presente no texto dos PCN que traz uma problemática presente até hoje na educação brasileira: os alunos não aprendem e não se encaixam dentro do ensino da Gramática Normativa, sendo assim, não conseguem criar uma identidade nacional, questão já abordada pelo colega Ralph. Alex continua seu comentário explicando que houveram muitas críticas em relação ao ensino, principalmente na área de Língua Portuguesa, pois as dificuldades em interpretação de texto refletem em várias outras disciplinas. Por fim, ele acrescenta que também foram propostas algumas mudanças para auxiliar na formação de cidadãos críticos.

Terminado o comentário do colega, a docente aproveita o assunto abordado para iniciar uma discussão a respeito da linguagem associada à formação do cidadão. A linguagem é o primeiro instrumento na formação do cidadão, pois ela é a nossa expressão. Ao adentrar esse assunto que enche os ouvidos de um bom aluno de Letras, a professora prende a atenção da turma, e continua: “A gente é o que a gente lê, tudo o que eu leio, me forma. Somos o que escrevemos, pois escrevemos o que lemos e não há outra forma de gerar a escrita”. Úrsula conclui sua linha de raciocínio constatando que é dessa maneira que a linguagem é a nossa expressão, seja de forma verbal ou não verbal.

Considerando o caráter dinâmico da linguagem, de acordo com o meio social em que opera, o trabalho centra-se na concepção interacionista do Círculo de Bakhtin, a qual compreende os sujeitos como agentes sociais e dialógicos, e a interação como o lócus da linguagem, onde se calham as permutas de conhecimentos e experiências.

Segundo Bakhtin (1999), o domínio de uma língua pode exercer um controle sobre nós e, conseqüentemente, impõe poder sobre a sociedade dominada. A partir do que a docente fala, percebe-se que a formação de um indivíduo crítico e pensante na sociedade perpassa pela forma como é trabalhado o uso da linguagem com ele. Se René Descartes entoar a célebre frase: “Penso, logo existo”, podemos pensar: “Leio, escrevo, oralizo, logo socializo”.

Após esse primeiro momento de reflexões acerca dos PCN, a professora elogia as contribuições dos alunos citados, dizendo que todos estavam corretíssimos e faz um breve resumo sobre o que foi falado até aqui. Úrsula dá seguimento à aula com uma reflexão que, segundo ela, foi um aprendizado tardio: “Sempre devemos olhar para tudo na vida de várias formas diferentes, sob diferentes pontos de vista. É assim que podemos nos diferenciar dos demais.”

No prosseguir, a docente volta a falar sobre os PCN, citando dessa vez, um ponto de destaque no documento: a valorização do contexto e do indivíduo, pois um aluno não é uma tábua rasa como diria John Locke, ele chega à escola cheio de conhecimentos, ou seja, os letramentos. Ao adentrar nesse assunto, Bruce se pronuncia levantando a importância da inter-relação entre professores e alunos, e Úrsula dá seguimento, afirmando que o professor deve valorizar e saber como trabalhar o conhecimento que os alunos trazem de

fora. Entretanto, essa realidade foi bem diferente há algumas décadas atrás, como a própria professora relatou a partir de suas experiências de vida. A carga intelectual dos alunos não era importante, bem como o contexto em que eles estavam inseridos, sendo apenas considerados importantes os conhecimentos que seriam ensinados na escola.

Ademais, a professora levanta a discussão acerca do poder e da importância inerentes à língua, à oralidade e à escrita. Para endossar sua linha de raciocínio, a docente cita os concursos públicos e, segundo ela, para alguém se destacar entre os inúmeros concorrentes é necessário ter compreensão de gramática, uso da oralidade e domínio da escrita excelentes. Em alto e bom tom, como sempre, a professora nos alerta: “Um bom escritor é aquele que melhor usa a Língua Portuguesa. O que é um bom projeto escrito senão ter domínio da gramática? Não se iludam com gramática, ela é a base da língua”. A discussão se encerra com a indicação do livro de Sírio Possenti “Por que estudar (ou não) gramática?” e com os versos de um poema recitado por Hércules em que dizia: “A língua é como um rio, sem margens, desaparece”. O aluno associa às margens do rio à gramática e, dessa forma, a professora conclui: a gramática jamais deve ser abolida.

Após a contribuição do aluno Hércules, Úrsula endossa seu argumento na justificativa de que é necessário que os alunos, futuros professores, conheçam e compreendam os PCN de Língua Portuguesa. Eles serão úteis para que o professor tenha uma orientação de metodologias de sala de aula. A partir deles, os professores podem criar os seus planos e projetos. Ademais, os PCN também são utilizados como endosso para projetos político-pedagógicos de cada escola.

A docente ainda afirma que os PCN são válidos tanto para escolas particulares quanto públicas. Úrsula endossa que o documento é obrigatório em todas as escolas, e que não é possível ensinar fora do que está previsto nesses parâmetros. Eles surgiram depois da vinda da Linguística ao Brasil, no final dos anos 80. A docente relembra o período em que ela estava na graduação e fala que na sua época não a Linguística ainda não era discutida na UESB. Apesar de ser uma discussão recente nessa universidade (a partir de 1986), a Linguística é uma ciência relativamente antiga.

Úrsula interrompe a discussão no momento em que ela avista o professor Abel e a professora Margarida. Eles entram na sala, Úrsula os apresenta e os elogia como ótimos professores. A partir desse momento, Úrsula cita Bruce ao lembrar a discussão da grade do curso, para que ele converse também com Abel e Margarida.

Após a saída dos professores, a docente retoma a discussão dos PCN. É dito por ela que as escolas se adequam às instruções desse documento da melhor forma que conseguem. A docente afirma que as escolas particulares exploram mais os parâmetros em comparação com as escolas públicas. Nesse momento, Bruce relembra a discrepância que existe entre a carga horária que ele teve em seu colégio e o que habitualmente é visto no ensino público. Após esse pequeno parêntese, Úrsula relembra que sempre dizia aos seus filhos que a parte mais doída do seu corpo era o bolso, pelas questões negativas de precisar investir muito dinheiro em um ensino particular para os filhos. Ela cita que o caráter público de ensino é encarado como algo livre de cobranças e exigências e que os alunos de ensino superior da universidade pública saem mais caro para o governo do que os alunos de ensino privado. O governo adquire esse montante através da mão de obra do trabalhador, lembrando que, segundo alguns contadores, o brasileiro trabalha por 4-5 meses somente para pagar impostos.

Após esse ponto, a docente retoma o assunto sobre competência do aluno e cita Marcos Bagno, criticando a sua abordagem no ensino da língua portuguesa. Úrsula comenta o ponto de vista do autor sobre progresso e retrocessos na língua e deixa os alunos em

reflexão sobre as questões de permissividade, preconceito e o ensino da língua nas escolas, encerrando, assim, sua aula do dia.

4. Considerações Finais

Com base no memorial relatado, é possível perceber os aspectos interessantes da composição da aula, que parte tanto da interação constituída entre a professora e os alunos – uma relação de constante permuta de conhecimentos, experiências e confianças que causa mudanças positivas no desenvolvimento da conjuntura da sala de aula – quanto na interação que há entre os próprios discentes, os quais se demonstram bastante confortáveis ao apresentar e defender seus pontos de vista uns aos outros; passando pelas dúvidas e questões voltadas ao ensino de gramática (objeto de suma importância aos licenciandos em Letras), indo até às reflexões mais íntimas que recaem sobre a formação de professores e de seres pensantes e críticos.

A docente do relato, “Úrsula”, demonstra essa relação fluida entre ela e os seus alunos, ao permitir o surgimento de um ambiente em que os futuros professores tenham oportunidades para questionar, defender um ponto de vista e até mesmo criticar aquilo que está em desarmonia com suas visões de mundo. Ao relatar o descontentamento dos estudantes do curso de Letras Modernas, percebe-se a capacidade crítica que o grupo estudantil adquire ao estar inserido nesse ambiente (curso) que julgam deficitário. Com isso, vale remontar à voz da professora Úrsula: “Os estudantes possuem a maturidade necessária para levantar a bandeira da mudança no curso e que o discurso estudantil está muito forte e muito coerente.”

Referências

SANTOS, P. R. S.; SANTOS, S. R. S. O Professor e sua Prática - Do Planejamento as estratégias Pedagógicas. In: II ENCONTRO ESTADUAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO, 2, Anápolis, 2007. *Anais*. Anápolis: Universidade Estadual de Goiás, s.d. p. 1-10. Disponível em: . Acesso em: 28 mar. 2019, às 20:00.

BARBOSA, F. R. M.; CANALLI, M. P. . Qual a importância da relação professor-aluno no processo ensino-aprendizagem? *Lecturas Educación Física y Deportes*, Buenos Aires, ano 16, n. 160, set. 2011.

BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 9a edição. São Paulo: Hucitec, 1999.

GOERGEN, P. Educação Superior Entre Formação e Performance. *Avaliação*, Campinas; Sorocaba, v. 13, n. 3, p. 809-915, nov. 2008.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)*. Língua Portuguesa. Ensino Fundamental. Terceiro e quarto ciclos. Brasília: MEC/SEF, 1998.

HOLANDA, N. *Planejamento e projetos*. Rio de Janeiro: APEC, 1997.

OLIVEIRA, L. A. *Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MEIRIEU, Philippe. *Aprender...Sim, mas Como?* Tradução de Vanice Pereira Dresch. 7 ed., Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SOBRE O(A/S) AUTOR(A/S)

Alice Vasconcelos Silva

Graduanda em Letras Modernas; Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) - Brasil; Bolsista do PIBID (CAPES). E-mail: alice18vasconcelos@gmail.com

Fernando Gonçalves de Souza Neto

Graduando em Letras Modernas, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) – Brasil. E-mail: fernando.jandiroba@hotmail.com

Gabriel Oliveira Monteiro

Graduando em Letras Modernas, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); Bolsista de Iniciação Científica pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). E-mail: gabrielmonteirovca@gmail.com

Denise Aparecida Brito Barreto

Pós-doutora em Educação pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação em Coimbra. Professora pleno do DELL/PPGED/UESB – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Linguagem e Educação – GPLED/CNPQ/UESB. E-mail: deniseabrito@gmail.com